

À GUISA DE INTRODUÇÃO

No dia 16 de dezembro de 1978, a Companhia de Eletricidade de Brasília — CEB completou dez anos de existência e de atuação como órgão responsável pelos serviços de eletricidade na área do Distrito Federal.

Para nós, mortais, dez anos representam um giro considerável na roda do tempo. Mas, em termos existenciais, para empresas de energia elétrica, dois lustros bem pouco significam, pois essas entidades são destinadas a perpetuar-se com a existência ilimitada das áreas, regiões e cidades a que servem.

Raciocinando em termos de desempenho, os dez primeiros anos de atuação configuram, para uma empresa, período sumamente importante, pois o êxito de qualquer organização depende, fundamentalmente, da forma como foi estruturada inicialmente. Tal como a criança que necessita orientação segura para, na idade adulta, poder enfrentar e dar solução adequada aos problemas da vida.

Ao ensejo da comemoração do décimo aniversário da CEB, é, pois, conveniente fazer uma pausa, deitar os olhos sobre o passado e meditar sobre o que se fez, o que se está fazendo e sobre o tempo que está por vir.

E o instante próprio para a reflexão, o momento oportuno para examinar as realizações e avaliar os resultados.

Sendo a passagem dos dez anos da CEB, inquestionavelmente, um momento excepcional para essa avaliação, a idéia de narrar um pouco da história dos serviços de eletricidade da Capital da República, desde os seus primórdios, surgiu, assim, naturalmente. De modo espontâneo, impositivo mesmo.

E, portanto, imperativo, nesta oportunidade, recordar as origens, as dificuldades primeiras; enaltecer a audácia e a coragem dos homens que acreditaram no empreendimento; mostrar os primeiros postes que foram erguidos no planalto, para iluminar, inclusive, a cruz de Cristo.

E necessário deixar registrados, para consulta e análise históricas, os números mais representativos, os fatos mais relevantes, os episódios mais pitorescos e, principalmente, relembrar os nomes daqueles que, com vontade férrea e determinação inabalável, aceitaram os desafios e ousaram levar avante a magna tarefa.

Enfim, contar histórias ligadas ao sistema elétrico de Brasília e alguma coisa da história da evolução desse sistema, na qual duas entidades participaram: a NOVACAP, por intermédio da atuação do Departamento de Força e Luz de Brasília — DFL, e a Companhia de Eletricidade de Brasília — CEB.

Coincidentemente, o período de pouco mais de nove anos do ex-DFL é praticamente igual ao de existência da CEB. Assim, nesses quase 20 anos de constante atividade, tanto o DFL como a CEB alcançaram sucessos e sofreram vicissitudes, guardadas as circunstâncias peculiares às respectivas épocas.

O Departamento de Força e Luz de Brasília viveu a fase inicial da construção da Capital, enfrentando os problemas na sua origem. Era o cerrado inerte, invadido e mutilado pelas máquinas do progresso. Era a paisagem natural, sacrificada em holocausto à vontade subjugante do homem. Era a forma original transmutando-se em forma projetada. Era Brasília, enfim, que surgia. Com ela, os primeiros fios condutores de energia elétrica e a primeira lâmpada a espargir seus raios de luz na escuridão reinante.

O DFL, na qualidade de responsável pela implantação inicial dos serviços de eletricidade no Distrito Federal, lutou bravamente, embora, a rigor, nunca tivesse sido estruturado nem aparelhado como empresa de prestação de serviços públicos de energia elétrica. Faltavam-lhe a autonomia e flexibilidade administrativas indispensáveis às empresas dessa natureza, compreendendo-se, porém, que, na época, tais condições ainda eram impraticáveis.

Quantas concessões foi o DFL obrigado a fazer, para não ver ruirem por terra todos os seus planos! A quantos privilégios teve que curvar-se!

Difícil início de luta. Tarifa, de fato, não existia. O DFL operava em regime deficitário recebendo, para manutenção de seu equilíbrio econômico-financeiro, subsídios orçamentários do Governo. Os salários, por sua vez, eram muito baixos, não correspondendo aqueles atribuídos aos empregados de empresas de energia elétrica.

Urgia uma mudança radical nos métodos administrativos e no comportamento vivencial do órgão.

A própria evolução da Capital da República ensejou a criação da CEB, em substituição ao antigo Departamento de Força e Luz da NOVACAP.

O DFL viveu a fase do sonho, da esperança. A CEB deveria viver a fase da nova realidade.

Em 16 de dezembro de 1968, a Companhia de Eletricidade de Brasília foi oficialmente instituída, de acordo com a autorização contida no art. 15 da Lei nº 4.545, de 10.12.64.

De saída, um dos seus mais importantes objetivos era, sem dúvida, criar a mentalidade empresarial, tarefa ingente, especialmente se atentarmos para as origens da Companhia.

Não se apaga de repente todo um passado, nem é fácil mudar uma filosofia de trabalho que se formou inadequadamente durante muitos anos, em termos de gerência de empresa de energia elétrica. A improvisação teria que ceder lugar à racionalidade.

Tornava-se imperioso fazer a novel entidade funcionar de acordo com as normas aplicáveis às empresas privadas, inclusive quanto ao direito do trabalho e ao das obrigações.

Em dez anos de nova política e novo estilo administrativo, isso realmente foi conseguido. Agora, já se podem apontar expressivas vitórias e muitos resultados animadores.

Efetivamente, a CEB hoje se impõe como uma concessionária respeitável, merecendo destaque o fato de, nos anos de 1974, 75 e 76, ter sido classificada como a empresa mais rentável do setor elétrico do país, considerado o índice de lucro líquido sobre o patrimônio líquido.

E não é só.

A política de pessoal da Companhia se acha calcada na realidade e nos mais modernos métodos de desenvolvimento de recursos humanos, sendo os salários dos empregados compatíveis com os níveis de retribuição existentes no setor.

O seu sistema elétrico é dos mais modernos do país, atendendo a 98% da população do Distrito Federal.

Finalmente, a confiabilidade dos seus serviços atingiu índices que satisfazem o mais exigente dos usuários.

Resultados tão auspiciosos, nesses dez anos de atividades, se devem, principalmente, ao trabalho incessante e devotado dos empregados da empresa, aliado ao apoio irrestrito do Governo do Distrito Federal e à valiosa colaboração do Ministério das Minas e Energia por intermédio do Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica — DNAEE e da Centrais Elétricas Brasileiras S.A. — ELETROBRAS.

Ao longo desses dez anos de existência, houve, entretanto, inúmeros obstáculos a transpor, relevantes problemas a resolver e, acima de tudo, sérios desafios a enfrentar.

O maior deles talvez tenha sido o de manter o ritmo de crescimento necessário ao cabal atendimento da demanda de serviços, proporcionando, ao mesmo tempo, uma qualidade de fornecimento de energia elétrica cada vez mais aprimorada, tendo em vista as exigências da Capital da República.

Nunca é demais lembrar que, na década de 60, a população do Distrito Federal cresceu a taxas anuais de 14,4%, enquanto a do Brasil aumentava a razão de 2,9%.

De 1970 em diante, o incremento populacional de Brasília se vem processando em ritmo bastante acelerado, ou seja, a 7,4% ao ano, em média. Esta é uma das razões que explicam o aumento cumulativo do consumo de energia elétrica, na Capital Federal, da ordem de 20% ao ano, nos últimos dez anos, enquanto a média brasileira anual, no mesmo período, foi de 10%.

Parceira, todavia, que, em decorrência desse fenômeno, estamos começando a viver, em Brasília, um período de transição que poderá significar o início de uma fase de profundas modificações na vida da comunidade, afetando, inclusive, a empresa concessionária dos serviços de eletricidade.

Com efeito, se não for contido o atual ritmo de expansão demográfica no Distrito Federal, ao fim deste século, ou seja, daqui a apenas vinte e dois anos, cerca de cinco milhões de habitantes estarão pressionando os serviços públicos, com todos os problemas das grandes metrô-

poles brasileiras, dentre eles a acentuada deterioração da qualidade de vida. Ter-se-á, então, inevitavelmente, uma megalópole. E deixará de cumprir-se o plano original do Professor Lúcio Costa, para quem Brasília deveria constituir-se em cidade viva e aprazível, própria ao devaneio, à especulação intelectual, ao trabalho ordenado e eficiente.

A CEB, consciente da sua responsabilidade perante a região geoeconômica do Distrito Federal e entendendo que Brasília é a causa do desenvolvimento regional, considera decisiva a participação da energia para que os objetivos previstos no plano original se transformem em realidade.

Assim é que admite a possibilidade de que se irradiem do Distrito Federal novas linhas de transmissão de energia elétrica em direção a áreas mais distantes da região geoeconômica de Brasília, ensejando o surgimento de atraentes polos de desenvolvimento.

Dentre outras vantagens, a medida promoverá a fixação e redistribuição da corrente migratória que demanda o Distrito Federal, trazendo tão pesados ônus para o Governo, e facilitará o aparecimento de fontes opcionais de produtos industriais e agropecuários.

Relativamente ao suprimento de energia elétrica, esta seria a forma de viabilizar o desenvolvimento ordenado da região, propiciando à Capital da República condições para o efetivo exercício de sua função de integração nacional e para a consolidação de sua escala regional.

A presente publicação consta de sete capítulos. O primeiro é exatamente este, à guisa de introdução.

No segundo capítulo — **Evolução dos Serviços de Eletricidade de Brasília** — o leitor poderá obter resposta a diversas indagações que lhe acodem ao espírito, tais como: No início da construção de Brasília, havia alguma fonte de geração de energia elétrica nas proximidades da futura Capital? Qual o equipamento elétrico que gerou o primeiro quilowatt-hora em Brasília? Em que local foi instalado ou construído? Qual a sua potência? E a Usina Hidrelétrica de Saia Velha, qual a sua importância e capacidade? Quando entrou em operação a Usina do Paranoá? Quando FURNAS assumiu a responsabilidade do suprimento em grosso à Capital da República? Quais as principais características do sistema elétrico do Distrito Federal? Quais as principais realizações e acontecimentos ocorridos nos dez primeiros anos da CEB?

No terceiro capítulo — **Os Números dos 10 Anos da CEB** — são apresentados os dados técnicos, econômicos e financeiros que demonstram, de modo irrefragável, o desempenho da CEB diante do extraordinário desenvolvimento de Brasília, nos seus dez primeiros anos de atuação.

No quarto capítulo, mostra-se que um dos recursos mais poderosos de que a concessionária lançou mão para atingir o sucesso não foi outro senão aquele que, em última análise, representa o seu patrimônio maior: o elemento humano, cada vez mais exaltado, motivado e prestigiado pela CEB.

Enfatizando que o homem não é mero instrumento de produção, mas a própria essência da empresa, retrata-se, fielmente, nesse capítulo, a preocupação com que a Companhia sempre se houve na avaliação e valorização de tão relevante força de trabalho.

Cumpre ressaltar o permanente diálogo existente entre os órgãos de direção e todos os níveis hierárquicos da empresa, sempre na busca das melhores soluções.

Por isso mesmo, o relato se constitui em depoimento assaz importante, eis que revela salutar e constante preocupação em dispensar tratamento condigno e cada vez melhor a quem, de maneira tão expressiva, concorre para que a empresa veja coroada de êxito as finalidades com as quais se acha comprometida e pelas quais se empenha sem esmorecimento.

No quinto capítulo, os depoimentos pessoais espelham uma contribuição, ao mesmo tempo eloquente e pitoresca, oferecida por elementos da Companhia que se acham profundamente identificados com sua história, estando, por esse motivo, habilitados a falar sobre ela.

É assim que Armando Valle, num toque muito pessoal e utilizando, com maestria, uma linguagem simples, feliz

e abrangente, nos diz que fazer cidade é cousa complicada, inclusive porque tem que ter casa, rua, água... e luz.

São apenas algumas linhas, escritas, porém, de maneira espontânea, romântica e imaginosa, em tudo semelhante à das histórias que gostamos de contar para as crianças e — por que não? — para os adultos também.

Outro depoimento é de Paulo Mello — pioneiro autêntico.

Na sua linguagem franca e informal, ele consegue montar maravilhoso painel com fatos e gentes. São fatos sérios, importantes e pitorescos, vividos por gentes pioneiras, candangas, sérias e importantes, que ajudaram a implantar o sistema elétrico de Brasília.

O testemunho do ex-Prefeito de Caxambu constitui mosaico variado e multicolor, congregando uma série de acontecimentos, alguns dramáticos, de natureza política; outros jocosos, como o black-out ocorrido, casual e providencialmente, durante os festejos da inauguração de Brasília.

Paulo Mello observa, muito bem, que, na história das entidades responsáveis pelos serviços de eletricidade no Distrito Federal, desde o início até nossos dias, deve ser ressaltada a continuidade filosófica de suas administrações e tributado o merecido preito de reconhecimento àqueles candangos autênticos, cujo ideal sempre foi "conquistar, de fato, o Brasil para os brasileiros!"

O terceiro e último depoimento nos é trazido pela palavra de José Paulo Vianna, primeiro Engenheiro-Chefe da Divisão de Redes Elétricas e Telefônicas-DRET, órgão então integrante da estrutura da NOVACAP.

Tal como no relato de Paulo Mello, a descrição, por ele feita, dos lances iniciais da implantação dos serviços de eletricidade em Brasília põe em evidência, com propriedade e realismo, os tropeços e dificuldades que caracterizaram essa etapa dos trabalhos e exalta o idealismo e a firmeza de espírito daqueles que tiveram a seu cargo a execução de uma obra de tamanha envergadura.

A carta do Prof. Lúcio Costa, no sexto capítulo, indicando o partido geral a ser adotado na iluminação pública de Brasília, justifica, por si só, esta publicação.

Pela primeira vez, é dado a lume o fac-símile da preciosa missiva, datada de 19 de março de 1960 e dirigida ao grande engenheiro Afrânio Barbosa da Silva, primeiro Chefe do Departamento de Força e Luz de Brasília.

O conteúdo de tão importante documento, pela inspiração e sabedoria com que foi espontaneamente elaborado, assim como pelo toque, podemos dizer, profético, que tão bem o caracteriza, merece ser reverenciado como uma das mais relevantes contribuições em prol da beleza impar desta cidade sem par.

Vale a pena deter-se no exame aprofundado de suas sábias formulações, que, revelando, inclusive, um Lúcio Costa compreensivo, romântico e bem humorado, não esqueceram de aconselhar iluminação discreta e desigual, no interior das superquadras, com áreas de iluminação amortecida, próprias ao colóquio e ao namoro caseiro.

Predestinado Lúcio Costa, que, em suas recomendações, tornadas hoje esplêndida realidade, estabeleceu critério dramático, deliberadamente teatral, a ser observado na iluminação da Praça dos 3 Poderes, e previu que o ponto mais intensamente iluminado da cidade viria a ser a plataforma do setor social e de diversões, no cruzamento dos eixos monumental e rodoviário-residencial!

O sétimo capítulo — **Candangos e Pioneiros** — pode, adequadamente, ser rotulado como expressiva mostra fotográfica de um punhado de pessoas e de acontecimentos que as envolveram.

O seu significado, porém, transcende à simples representação objetiva de seres humanos ou apenas à rememoração de fatos, para constituir-se, também, em justa homenagem que a CEB presta ao trabalhador brasileiro, simbolizado no cangango heróico e perseverante, que acredita em tudo o que faz, porque deposita a confiança mais absoluta nos gloriosos destinos de sua pátria. Homenagem que se completa na evocação saudosa de todos aqueles que tombaram durante a jornada; muitos deles sacrificando a própria vida no embate da gigantesca empreitada.